

IDENTIDADE

Título	Imagens do migrante nordestino em São Paulo
Autor/es	Germano Leóstenes Alves le Sobral
Resumo	O processo migratório implica, invariavelmente, situações que encerram confrontos Inter étnicos. Os deslocamentos espaciais de indivíduos e grupos configuram-se, pois, como “momentos” de crise e (re)construção de identidades. A trajetória do migrante é marcada pela reelaboração de seus referenciais identificatórios - traços socioculturais com os quais os sujeitos identificam-se e a partir dos quais se fazem reconhecidos como membros de um grupo - e, portanto, envolve o questionamento de valores e de imagens de si e do outro. Dentre esses referenciais destaca-se o lugar de origem dos sujeitos: “a cidade ou terra é vista como mãe e nutriz: o lugar é um arquivo de lembranças afetivas e realizações esplêndidas que inspiram o presente: o lugar é permanente e por isso tranquiliza o homem, que vê fraqueza em si mesmo e movimento em toda parte” (TUAN, 1983, 171).
Ano/Edição	Ano VI, nº 17, set-dez/1993
Título	Identities (Editorial)
Autor/es	Jose Guilherme Cantor Magnani
Resumo	Editorial
Ano/Edição	Ano VII, nº 19, maio-ago/1994
Título	Índios ou caboclos? – os filhos da Serra do Umã
Autor/es	Rodrigo de Azevedo Grunewald
Resumo	Embora o presente artigo tenha por título uma indagação, não toma por objetivo respondê-la de forma fechada ou definitiva. O propósito que aqui se estabelece é o de refletir a construção da identidade exibida pelo grupo étnico Atikum-Umã, o qual surgiu no cenário nacional como um grupo indígena apenas na década de quarenta do presente século. A comunidade indígena de Atikum-Umã, com uma população de quase quatro mil habitantes, habita a Serra do Umã, distrito de Carnaubeira, município de Floresta, sertão de Pernambucano. Esta região geográfica foi, a partir da passagem do século XVII / XVIII, palco de muitos conflitos entre índios e brancos que penetravam cada vez mais nas terras dos primeiros levando adiante a frente de expansão pastoril.
Ano/Edição	Ano VII, nº 19, maio-ago/1994

Título	Multidões e identidade coletiva: o papel dos saques no nordeste
Autor/es	Frederico de Castro Neves
Resumo	Muito se tem questionado. diante destes últimos e constrangedoras episódios da vida nacional. sobre a legitimidade do campo político no Brasil, Sabe-se que há problemas. dúvidas e modificações urgentes a serem implementadas neste campo. mas não conseguimos. pelo menos em nível de senso comum. situar estas críticas e alcançar o âmbito de suas possíveis soluções. Tentarei. dentro dos limites deste artigo. realizar algumas reflexões sobre este campo. especialmente no que diz respeito ao princípio da representatividade, o qual, creio, traz problemas talvez problemas insolúveis no terreno mesmo da democracia, Como caso específico para esta análise. questionarei c01110 este princípio conduz à criação de representações preconceituosas e pouco úteis no entendimento dos saques a mercados e armazéns públicos que acontecem no nordeste brasileiro, especificamente nos períodos de secas. Estas reflexões. espero. poderão levar a algumas novas conclusões a respeito do processo de constituição de identidades políticas. no jogo das ações e reações sociais em que elas se constituem
Ano/Edição	Ano VII, nº 19, maio-ago/1994
Título	Eu e as fronteiras do outro
Autor/es	Cléria Botelho da Costa
Resumo	Este texto apresenta alguns resultados da pesquisa intitulada Vozes da Terra - a qual se constitui num estudo de caso do assentamento de Indaiás localizado ao sul do Mato Grosso do Sul - e tem por objetivo fazer uma análise das representações acerca da identidade e etnia dos trabalhadores rurais que lá vivem. O assentamento de Indaiá é um agrupamento de trabalhadores rurais oriundos de diferentes regiões do país e que têm como traço comum. a vivência no Paraguai e por isso, comumente. são conhecidos como "brasiguaios". O fio condutor da pesquisa foi a oralidade, através da qual as histórias de vida foram trabalhadas. As diferenças: o reconhecimento da alteridade.
Ano/Edição	Ano VII, nº 19, maio-ago/1994
Título	Ser "gaúcho" no Nordeste
Autor/es	Rogério Haesbaert
Resumo	A "invasão gaúcha" nos cerrados nordestinos pode ser considerada uma das pontas de uma grande rede, espécie

<p>Ano/Edição</p>	<p>de “diáspora gaúcha”, que reúne, hoje, duas heranças aparentemente antagônicas: a da modernidade capitalista e da “sede pelo novo” do imigrante europeu “desbravador” e o tradicionalismo gaúcho do campeador pampeano. Alguns meses de pesquisas no oeste baiano, Chapada Diamantina e sul do Piauí, para onde convergiram nos anos 80 milhares de agricultores sulistas, atraídos pelas terras baratas e os gordos subsídios da SUDENE permitiram perceber a intensidade dos conflitos que, para além da esfera econômica, já bastante estudada, compreendem disputas pelo poder político (pondo em xeque o velho coronelismo e sua base socioespacial, o latifúndio pastoril) e atritos culturais entre identidades regionais que podem ser consideradas hoje as mais distintas e marcantes do país: a baiana e a gaúcha, duas balizas no <i>continuum</i> entre as influências africanas e europeias na cultura brasileira.</p> <p>Ano VII, nº 19, maio-ago/1994</p>
<p>Título</p> <p>Autor/es</p> <p>Resumo</p> <p>Ano/Edição</p>	<p>Caçando um lugar: a identidade regional no trajeto da exclusão</p> <p>Maura Penna</p> <p>Se eu tivesse lugar, eu não tinha lutado tanto na vida, não linha caminhado tanto conto eu caminhei durante 20 anos. Tem 21 anos que eu estou caminhando atrás do meu lligar de ficar e ainda não achei, (HM. P46). Ao analisara trajetória deum migrante, trabalhador rural pobre de alguma região do Nordeste (ou do Norte de Minas Gerais, que integra o Polígono das Secas), em seus sucessivos deslocamentos em busca de uma vida melhor, pensa-se quase que imediatamente nos reflexos dessas andanças sobre a sua identidade social. E, especificamente, sobre a identidade regional, enquanto uma forma particular de identidade social, vinculada à origem territorial e, portanto, de base espacial. Pois ser de um certo lugar não expressa necessariamente vinculo de propriedade. mas sim uma rede de relações. através das quais o espaço se torna suporte de comunicação, de Inter relação, de organização de sentido.</p> <p>Ano VII, nº 19, maio-ago/1994</p>
<p>Título</p> <p>Autor/es</p> <p>Resumo</p>	<p>A produção de um estigma: Nordeste e nordestinos no Brasil</p> <p>Helion Povia Neto</p> <p>Não é difícil perceber o quanto as imagens do nordestino e</p>

Ano/Edição	<p>do migrante encontram-se, em nosso país, profundamente associadas. Um exemplo carregado de negatividade poderia ser o das recentes manifestações de hostilidade a nordestinos ocorridas em São Paulo, quando “slogans” exigiram que os mesmos voltassem à sua terra. Sem colocar em discussão o caráter minoritário de tais manifestações, nem descreditá-las como meras imitações de situações de intolerância verificadas em outros contextos nacionais, não achamos prudente ignorá-las. Isso por acreditarmos que as situações referidas dizem respeito a concepções engendradas juntamente com os processos históricos que deram origem à atual formação social e territorial brasileira. Possuem, portanto, certo enraizamento, o qual deve ser considerado, até mesmo com vistas ao combate à intolerância. Para começar, um dado concreto: é o Nordeste (tal como o entendemos hoje) efetivamente a região que, historicamente, mais contribuiu para as necessidades de força de trabalho da economia nacional. As migrações têm sido, no Brasil, importante elemento para a constituição do mercado capitalista de trabalho: os nordestinos devem receber, nesse particular, o devido destaque. Visando alcançar uma compreensão mais profunda dos fundamentos da imbricação Nordeste-migração, faremos uma breve retrospectiva histórica da mesma, sem o compromisso de cobrir a totalidade dos processos históricos até o presente e detendo-nos apenas nos momentos que nos parecem decisivos.</p> <p>Ano VII, nº 19, maio-ago/1994</p>
Título Autor/es Resumo	<p>“Especificidade negra”: singular ou plural?</p> <p>Ana Lúcia E. F. Valente</p> <p>O fato de uma revista especializada em estudos migratórios pretender reunir artigos com propostas de análise sobre as identidades dos diversos grupos que compõem a população brasileira, inclusive dos negros, pode causar um certo estranhamento. Porém, trata-se de impressão inicial, já que, em tese, quando se pensa no traslado de um povo ou de um grande número de pessoas de um país para outro e mesmo de uma região para outra de um único país, a ideia é que resulta de uma opção voluntária. Faz parte do imaginário da nação que os migrantes sempre estão em busca de um sonho de eldorado, de uma vida mais digna. Quer emigrantes, quer imigrantes - uma diferença difícil de se memorizar nos anos de secundário e, hoje, mais problemática de ser aceita como mera oposição - aqueles que deixam um país ou aqueles que</p>

Ano/Edição	<p>entram num outro, têm em comum a expectativa de que a mudança, a passagem lhes ofereça uma nova e melhor condição de existência. Por essa razão, quando se recorda que os negros chegaram ao Brasil como escravos, percebe-se que não se pode, sem incorrer equívocos de interpretação, deixar de lado um aspecto fundamental: a imigração negra foi forçada e realizada à revelia de seu povo. Ao menos durante quatro séculos. Não se pode, pois, insistir na manutenção daquele imaginário ante a constatação de que os negros foram obrigados a abandonar um “modo de vida”, seu trabalho, sua cultura. ao serem arrancados da África.</p> <p>Ano VII, nº 19, maio-ago/1994</p>
Título Autor/es Resumo Ano/Edição	<p>Exportação de tensões sociais na Amazônia: brasivianos, brasuelanos e brajolas – identidades construídas no conflito</p> <p>Alfredo Wagner Berno de Almeida</p> <p>Os deslocamentos de grupos camponeses e povos indígenas através das fronteiras internacionais, são analisados neste artigo consoante categorias específicas de representação e processos reais em curso, evitando reduzi-los ao que o senso comum intelectual contemporâneo designa como “migrações” ou “migrações internacionais”. Parte-se do pressuposto de que a relativização do princípio da nacionalidade (HOBBS WM: 1990), notadamente no que concerne à Amazônia, antes de ser uma decisão de aparatos de Estado, que priorizam a integração de mercados e a internacionalização da economia, consiste numa prática necessária de segmentos sociais diversos, apoiados em unidades de trabalho familiar e referidos a circuitos mercantis diferenciados, agrícolas e extrativos.</p> <p>Ano VIII, nº 21, jan-abril/1995</p>
Título Autor/es Resumo	<p>Estar aqui, estar lá ... o retorno dos emigrantes valadarenses ou a construção de uma identidade transnacional?</p> <p>Gláucia de Oliveira Assis</p> <p>Este artigo parte desta temática geral, para pesquisar um movimento específico verificado particularmente na cidade de Governador Valadares (MG) – conhecida nacionalmente pelo significativo número de valadarenses nos EUA – procurando problematizar um dos aspectos deste fluxo de grande impacto na vida cotidiana da cidade: o caráter temporário da migração. O projeto do emigrante valadarense de “Fazer a América”, em geral, consiste em trabalhar de (1)2 a 05 anos para conseguir capital para</p>

Ano/Edição	<p>comprar uma casa, um carro, ou montar um negócio e retornar ao país de origem. Para executá-lo. Estes emigrantes contam com aqueles que ficaram para financiar a viagem, cuidar dos filhos, fazer os investimentos na terra natal e esperar pelo retorno. O projeto torna-se, portanto, familiar, afetivo e econômico envolvendo aqueles que não migraram nesse processo.</p> <p>Ano VIII, nº22, maio-ago/1995</p>
Título	Ítalos-brasileiros: a revivificação da identidade étnica em Santa Maria-RS
Autor/es	Maria Catarina C. Zanini
Resumo	<p>Na região denominada de IV Colônia de Imigração Italiana do Rio Grande do Sul, muitos são os relatos da Era Vargas que narram as diversas formas de violência utilizada contra esses imigrantes. Violência, não somente no sentido físico, mas também na forma como foram obrigados a abandonar suas línguas e costumes. Esse quadro, porém, começou a reverter-se no decorrer da segunda metade deste século. Muitas associações foram criadas e, a partir do centenário da Imigração Italiana, começou-se a afirmação e reconstrução de uma italianidade. E, ser italiano no Brasil não significa, para esses descendentes, possuir símbolos culturais fechados, mas sim revalorizá-los no cotidiano da cultura italiana em contato com a sociedade nacional e regional. A partir desta constatação desenvolvemos, em 1997, um projeto de pesquisa que visava investigar quais seriam os elementos fomentadores da revivificação da italianidade em Santa Maria.</p>
Ano/Edição	Ano XII, nº34, maio-ago/1999
Título	Identidades conjunturais X identidade tradicional: as múltiplas faces da teuto-brasilidade no interior de São Paulo
Autor/es	Olga Rodrigues de Moraes von Simson
Resumo	<p>Nosso objetivo ao estudar os descendentes de alemães no município de Campinas foi o de reconstruir a história social do processo de imigração, fixação e integração desse grupo na vida local e tentar compreender como, na atualidade, esse contingente da população nacional vivencia sua identidade teuto-brasileira e se ela tem alguma importância nas parcerias bi-nacionais que Brasil e Alemanha vêm desenvolvendo nos campos econômico, social e cultural. A pesquisa, apesar</p>

Ano/Edição	<p>de ser apenas um estudo do contingente alemão na cidade de Campinas, buscou iniciar uma reflexão mais ampla que procura avaliar como o grupo imigrante teuto, um dos primeiros a ser chamado para substituir o braço escravo nas grandes plantações cafeeiras paulistas do século passado aqui se fixou, se reproduziu e prosperou trazendo certamente contribuições para a formação da sociedade paulista, e como hoje a base sócio-política e cultural criada a partir da imigração germânica de meados do século passado e enriquecida por levadas posteriores quantitativamente menores, permite uma intensa relação econômica e cultural entre essa região do país e a Alemanha. uma nação que neste final de século se afirma novamente como uma das maiores forças econômicas e políticas do Mundo Ocidental. Foram reunidas as histórias de Vida dos membros mais velhos das colônias imigrantes vivendo nas zonas rural e urbana procurando focalizar o processo de escolarização e as atividades familiares relacionadas ao lazer e ao consumo cultural. Também foram coletados documentos oficiais e privados relacionados ao processo migratório dessas famílias, fotografias antigas e publicações com o intuito de orientar a coleta das narrativas orais e complementá-las.</p> <p>Ano XII, nº 35, set-dez/1999. São Paulo-SP</p>
Título Autor/es Resumo	<p>Assimilação dos imigrantes no Brasil – inconstâncias de um conceito problemático</p> <hr/> <p>Giralda Seyferth</p> <p>Num artigo publicado em 1951, Emílio Willems fez uma breve referência à ideia de assimilação prevalecente no Brasil, suposta como processo no qual os grupos alienígenas devem desaparecer - metaforicamente “diluídos”, “absorvidos”, “digeridos” - na sociedade dominante luso-brasileira. Nesse contexto, a existência de minorias não é admitida, nem aceita, na discussão pública dos problemas de assimilação, e as possíveis influências culturais dos imigrantes e seus descendentes estão contidas na ideia vaga de “contribuição” em benefício do país adotivo (Wilhelm, 1951: 209). A assertiva de Willems tem correspondência no estudo de Manuel Diegues Junior sobre a influência da imigração nos processos de urbanização e industrialização ocorridos no Brasil: trata-se de destacar a colaboração econômica de diferentes grupos de imigrantes especialmente os de maior expressão demográfica - acrescentando breves informações sobre a legislação restritiva e dados acerca das “contribuições” resultantes do contato cultural entre alienígenas e brasileiros. Diegues não escapa de</p>

Ano/Edição	<p>uma certa visão idealizada do melting pot, embora defina a cultura brasileira como alguma coisa vagamente plural “dentro da sua base lusitana” (Diegues Junior, 1964: 371). Nos dois trabalhos a assimilação é claramente associada a mecanismos de desenvolvimento econômico e mobilidade social, em situações de contato interétnico. A citação dos dois textos tem como propósito apontar diferentes formas de apropriação da ideia de assimilação: por um lado, surgiu, ainda no século XIX, como um dos elementos constitutivos do discurso nacionalista brasileiro, com consequências práticas sobre as relações Inter étnicas; por outro lado, enquanto conceito sociológico referido à mudança social, tornou-se importante instrumento de análise de contextos inter étnicos produzidos pela imigração até o início da década de 1970, incluindo ou não sua congênere antropológica, a aculturação (circunscrita à temática da mudança cultural). De qualquer modo, os diferentes usos do conceito convergem para o problema da integração dos imigrantes e seus descendentes na sociedade nacional.</p> <p>Ano XIII, nº 36, jan-abril/2000. São Paulo</p>
Título Autor/es Resumo	<p>A ritualização do pertencimento – o “paraíba” e seus espaços</p> <p>Fernando Cordeiro Barbosa</p> <p>O trabalho e a residência para os migrantes, mais do que para os demais trabalhadores, têm uma estreita relação de dependência mútua (Sayad, 1992). Essa interdependência leva os trabalhadores a terem como uma das alternativas para a efetivação dos projetos intrínsecos à migração, a inserção em atividades produtivas que ofereçam a moradia (Barbosa, 2000). Não é por menos que as ocupações de empregada doméstica e de empregado de edifício são apontadas pelos estudiosos da migração, como Durham (1984) e Garcia Júnior (1989), como atividades potencialmente absorvedoras de mão-de-obra migrante. Os trabalhadores aderem a essas ocupações por diferentes interesses, valores e agentes mediadores. Dentre esses motivos destacam-se o capital social propiciado pelas relações de parentesco e amizade, a desqualificação técnica para a execução de serviços que não se inscrevem em sua trajetória camponesa e certas similitudes com as relações existentes no espaço social de origem, como a pessoalização da relação de trabalho, bem como as estratégias adotadas por esses trabalhadores para a implementação dos projetos vislumbrados, como se bem traduz na articulação entre trabalho e residência. A inserção nessas ocupações que</p>

Ano/Edição	<p>articulam casa e trabalho implica não apenas a constituição dos migrantes como trabalhadores, mas também como moradores. O “morar no trabalho”, “morar em casa de família” e “morar no prédio”, conforme os termos utilizados pelos entrevistados, conduz esses trabalhadores a serem moradores de espaços enobrecidos, como a Zona Sul do Rio de Janeiro, lugar esse habitualmente relacionado à camada média carioca. O fato desses trabalhadores residirem nesses espaços tem suas implicações, como veremos a seguir, uma vez que o local de residência é simbolicamente investido de sentidos e valores, conforme pode ser percebido na literatura sobre espaços sociais de trabalhadores.</p> <p>Ano XIII, nº 38, set-dez/2000. São Paulo</p>
Título	Demarcando fronteiras
Autor/es	Sidney Antonio da Silva
Resumo	Editorial
Ano/Edição	Ano XV, nº 44, set-dez/2002. São Paulo
Título	Mais estrangeiros que os outros? Os japoneses no Brasil
Autor/es	Célia Sakurai
Resumo	<p>Ao refletir sobre a presença dos japoneses no Brasil, fica evidente que, pelo fato de serem mais estranhos, mais diferentes, são também, um grupo de grande visibilidade na trama da sociedade, sendo permanentemente cercados pela curiosidade, espanto, ou apoio. Os japoneses têm um lugar controverso na história recente do Brasil, que pode tanto ir da admiração como ao desprezo. Historicamente pode-se afirmar que foram interlocutores privilegiados para as elites nacionais debaterem questões cruciais do país, sobretudo no período até a Segunda Guerra Mundial. No período após a guerra, há uma diluição do grau de estranhamento até pela própria convivência com a sociedade abrangente e também pela tendência geral de se ir aparando as arestas das diferenças culturais e raciais. O objetivo deste artigo é repassar alguns dos mais importantes diálogos empreendidos entre esse grupo de imigrantes e a sociedade que os recebeu. Nesse trajeto, as muitas identidades dos nipo-brasileiros vão se forjando e tomando corpo no movimento permanentemente intercâmbio com a sociedade brasileira.</p>
Ano/Edição	Ano XV, nº 44, set-dez/2002. São Paulo

Título	Espírito Uchinanchu: okinawanos em São Paulo
Autor/es	Sonia Maria de Freitas
Resumo	O presente texto' aborda a imigração okinawana dentro da história do processo migratório em São Paulo, São aqui apresentadas as peculiaridades e as especificidades dessa imigração, bem como a saga dos imigrantes de Okinawa em São Paulo; sua origem, a viagem, destino, trabalho no campo e na cidade, lazer, religião, cultura e preconceitos e a reconstrução da identidade étnica para os descendentes da primeira e da segunda gerações.
Ano/Edição	Ano XV, nº 44, set-dez/2002. São Paulo
Título	Estrangeiro – gringo – brasileiro: aproximação e afastamento entre brasileiros e não-brasileiros
Autor/es	Thaddeus Blanchette
Resumo	No pensamento popular brasileiro, o conceito de “étnico” se refere ao que não é completamente brasileiro, mas que existe em território brasileiro. Quando “étnico” é aplicado às conglomerações humanas, ele referenda formas de vida social que são marcadamente diferentes daquelas entendidas como brasileiras, mas que fazem parte do cotidiano nacional. Se aplicado aos objetos, idem: a comida étnica é aquela que, por uma razão ou outra, não consideramos como completamente brasileira, mas que podemos degustar no Brasil. Podemos dizer então que, para ser étnico, uma pessoa, objeto, ou fenômeno há de sinalizar uma ligação dupla, uma conexão simultânea com o Brasil e também com uma outra entidade considerada como não-brasileira. O étnico tem a ver com que está no Brasil, mas que também é estranho ao Brasil. Hoje em dia, “étnico” também é popularmente usado para indicar pessoas e fenômenos não necessariamente reconhecidos como tendo origem no “estrangeiro”. O caso da arte “étnica” afro-brasileira ou indígena é um exemplo disso. Tipicamente, porém, étnico está ligado ao estrangeiro no pensamento popular, tido como o resultado de uma aproximação inacabada elou parcial deste com o Brasil. Nessa visão de mundo, ele se transforma em étnico através de sua incorporação ao novo país. Vale a pena, então, indagar o que é um estrangeiro e como ele é incluído no Brasil.
Ano/Edição	Ano XV, nº 44, set-dez/2002. São Paulo

Título	Adaptação pioneira dos imigrantes da Letônia na Terra Prometida
Autor/es	Henrique M. Silva
Resumo	Embora as colônias agrícolas de imigrantes europeus tenham marcado profundamente a evolução e a identidade das províncias do Sul do país, elas também se fizeram presentes, ainda que em proporção menor, em São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo, e tiveram papel importante na evolução social, econômica e política das regiões onde foram inseridas. Neste artigo enfocaremos uma colonização ocorrida no estado de São Paulo.
Ano/Edição	Ano XV, nº 44, set-dez/2002. São Paulo
Título	O imigrante árabe: uma etnografia das famílias
Autor/es	Janie Kiszewski Pacheco; Lenora Silveira Pereira
Resumo	Entre as últimas três décadas do século XIX até meados dos anos 40 do século XX teriam entrado mais de cem mil imigrantes “turcos” no Brasil. Esses “turcos”, na quase totalidade, eram imigrantes sírio-libaneses, pois até 1892 todos os indivíduos oriundos das regiões do império turco-otomano foram classificados indistintamente como “turcos” e posteriormente passaram a ser designados como “árabes”. Nossa intenção inicial não é tratar do tema da imigração árabe, mas contextualizá-la histórica e sociologicamente a fim de compreendermos o processo de integração deste imigrante à realidade nacional para, a seguir, considerarmos a “família árabe” em três obras de ficção: Lavoura Arcaica, Dois Irmãos e Nur na Escuridão, de Raduan Nassar, Milton Hatoum e Salim Miguel, respectivamente. Ao contrário de outros grupos de imigrantes, para Truzzi, a imigração dos sírio-libaneses foi “espontânea e individual” (Veja 04/10/2000:125). Tal argumento é corroborado pelo estudo de Safady ao afirmar que “não houve, no sentido próprio da expressão, imigração árabe ² para o Brasil” (1994:36). Segundo ele, a imigração de japoneses, italianos e alemães se deu em decorrência de um entendimento anterior entre o governo brasileiro e os governos de onde provinham os imigrantes. Muitos vieram para substituir a mão-de-obra escrava nas fazendas, especialmente após a abolição da escravatura em 1888. Ao chegarem no Brasil, esses imigrantes receberam moradia, trabalho e até um salário antecipado. No entanto, como assinala Safady, “isso não aconteceu no caso dos árabes,

Ano/Edição	que tiveram de buscar seus próprios meios de sobrevivência' (1994:37). Ano XV, nº 44, set-dez/2002. São Paulo
Título	A “Colônia Alemã” do Rio de Janeiro pelas lentes do Clube Germana
Autor/es Resumo	Marina Michahelles pode parecer uma novidade, mas já vem de longe a presença de imigrantes alemães na cidade do Rio de Janeiro. Segundo Carlos Fouquet, a cidade tem a “colônia alemã urbana” mais antiga do Brasil. O primeiro núcleo de indivíduos de origem germânica teria começado a se formar a partir de 1808, como diversos outros grupos de estrangeiros, atraídos pelas possibilidades de desenvolver atividades comerciais em decorrência da abertura dos portos ¹ . A “colônia alemã” teria se consolidado em 1821, com a fundação da Gesellschaft Germania (Sociedade Germania, também conhecida vulgarmente por Clube Germania). Essa agremiação ou clube de caráter social, formado principalmente por homens de negócio ligados ao grande comércio, era frequentado por parte dos 200 indivíduos denominados “alemães” e 100 suíços, que constam no Registro de Estrangeiros como residentes na cidade em 1822 (Fouquet, 1974: 47). Nesse período, é possível que a popularidade de Leopoldina da Áustria atraísse a presença dos assim chamados “alemães” para a cidade, em função da origem germânica da imperatriz. Quando se trata de imigração alemã em metrópoles como Rio de Janeiro e São Paulo, aborda-se um fenômeno distinto do que ocorreu para os núcleos coloniais alemães no sul do país. Nesses últimos, a imigração se caracterizou por uma política específica, dirigida para a captação de famílias formadas principalmente por agricultores. Já para os centros urbanos, além da fixação de imigrantes não ter tido uma base familiar, não recebeu tal estímulo e subvenção para o estabelecimento da população estrangeira. O Rio de Janeiro nesse sentido tinha ainda um status especial no que diz respeito ao plano político, econômico e geográfico. Como distrito federal, a cidade concentrava após a Primeira Guerra Mundial um terço do comércio e da indústria do país, sendo ainda porto e porta do Brasil.
Ano/Edição	Ano XV, nº 44, set-dez/2002. São Paulo

Título	Marcando diferenças para forjar semelhanças – os descendentes de imigrantes italianos em Caxias do Sul-RS
Autor/es	Miriam de Oliveira Santos
Resumo	A cidade de Caxias do Sul costuma ser referenciada como um modelo da imigração italiana para o Rio Grande do Sul. Se a palavra modelo” for interpretada como um padrão desejado, um exemplo a ser seguido, pode até ser. Se pensarmos em Caxias do Sul como um “tipo-ideal” weberiano, estaremos muito longe da verdade, porque a colonização de Caxias do Sul possui inúmeras particularidades em relação às demais. Se pensarmos na definição de grupo étnico de Seyferth (1986, p.530) em que ela aponta como fundamentais tanto uma identidade distintiva atribuída, quanto uma cultura, origem e história comum, verificaremos que a rigor não se pode categorizar os descendentes de imigrantes italianos de Caxias do Sul, como um grupo étnico, já que lhes falta uma identidade distintiva atribuída. No entanto a mesma autora ao definir etnia afirma que este termo “é empregado na literatura antropológica para designar um grupo social que se diferencia de outros grupos por sua especificidade cultural. “ (Seyferth, 1986, p.435) Portanto, de maneira análoga a que Morales aplica aos nordestinos na feira de São Cristóvão do Rio de Janeiro, podemos alegar que: “a rigor não se está tratando de etnicidade nem de grupo étnico. Mas, numa visão de dentro, (...) se vê que o grupo (...) tem uma lógica e valores diferentes do grupo que o circunda. “ (Morales, 1993, p.6).
Ano/Edição	Ano XV, nº 44, set-dez/2002. São Paulo
Título	Identidade, estereótipo e políticas – o caso dos Rom na Itália
Autor/es	Nando Sigona
Resumo	Como as políticas contribuem para a reprodução e consolidação dos estereótipos? Como, por sua vez, os estereótipos tornam-se fatores de legitimação para as próprias políticas? Como, ainda, ambos influenciam a identidade dos indivíduos e dos grupos que pretendem explicar e governar? Este artigo explora tais interrogações, em particular quanto ao caso dos rom na Itália, enfocando como o discurso público sobre ‘ciganos’ e “nômades”, alimentado por estereótipos e preconceitos antigos e novos, tornou-se a base para políticas sociais discriminatórias que permitiram a manutenção de um estado de pobreza e segregação, favorecendo por vezes diretamente a marginalização das comunidades rom. Como destaca Piasere (2004, 4), “a categoria ‘cigano’ parece portanto uma

Ano/Edição	<p>identidade externa, a ser desconstruída e depois reconstruída englobando-se diversos movimentos rom; esta construção 'externa' deve ser um ponto de partida já que, devido a ela, os rom compartilharam destinos análogos na Europa." A presente intervenção enfoca tais processos e indaga como políticas sociais e estereótipos contribuíram, conjuntamente, para a construção daquelas identidades burocráticas utilizadas pelo sistema político para fins de governo e controle. Mas há ainda uma outra face da moeda. Retomando uma frase de Zetter (1991, 40), o artigo questiona "como a identidade se forma, se transforma e é manipulada dentro do contexto definido pelas políticas públicas e, sobretudo, pelas práticas burocráticas".</p> <p>Ano XVIII, nº 51, jan-abril/2005. São Paulo</p>
Título	A (re)invenção de identidades no processo de integração de imigrantes latino-americanos
Autor/es	Cristina Wulffhorst
Resumo	<p>O estudo da migração como realidade sociocultural e suas implicações subjetivas está despontando como grande necessidade em escala mundial, considerando a intensidade dos fluxos migratórios e as características diferenciadas de décadas atrás. A globalização das migrações significa que cada vez mais países afetam-se e estão envolvidos simultaneamente nos processos de migração, o que impossibilita sua análise através de uma visão estritamente nacional, a qual sustenta as políticas migratórias,</p> <p>A presença hispano-americana¹ no Brasil não é um fenômeno novo, mas tem mantido uma certa regularidade, mesmo a partir dos anos 30, quando a maioria dos países da região adotou políticas migratórias protecionistas (Silva, 2001 p. 490). O lento crescimento econômico latino-americano tem sido um dos principais propulsores para a decisão migratória, sendo que, segundo Bonassi (2000), a maioria das imigrações dentro do Mercosul são forçadas, provocadas pela pobreza, conflitos, guerras internas, perseguições ideológicas e políticas dos regimes militares. Mas há ainda outros motivos que precisam ser considerados, como: a construção de um imaginário em relação à formação do Mercosul, que remete a uma suposta facilidade de mobilidade entre os países integrantes; o transporte de baixo custo; oportunidade de trabalho e estudo e questões afetivas. Além disso, a construção de redes sociais passa a ser um dos fatores decisivos na escolha de um local para imigrar. Por conta disso, as teorias imigratórias reducionistas, como a classificação dicotômica por imigração</p>

Ano/Edição	<p>voluntária e involuntária, não se sustentam mais para explicar a complexidade dos movimentos migratórios, nos quais o involuntário e voluntário, o desejo e o não-desejo aparecem mesclados. Isto nos leva a perceber outros modos possíveis de subjetivar a experiência migratória e as “identidades” que ali podem ser (re)inventadas.</p> <p>Ano XVIII, nº 53, set-dez/2005. São Paulo</p>
Título	Alteridades e identidades, diferenças e distinções: o jogo de espelhos do reconhecimento social e político
Autor/es	Sidnei Marco Dornelas
Resumo	Editorial
Ano/Edição	Ano XIX, nº 56, set-dez/2006. São Paulo
Título	identidad, clase y migraciones: una aproximación a partir del contexto migratorio colombiano
Autor/es	Leonardo Bejarano Rodriguez
Resumo	<p>El texto que ofrecemos a continuación es una exploración abierta que busca generar reflexión y debate en torno a las categorías de identidad y clase como procesos de clasificación social heterogéneos y discontinuos. En una primera parte realizaremos algunas aclaraciones conceptuales alrededor de las implicaciones del denominado nacionalismo metodológico en la comprensión de las migraciones y como éstas deberían entenderse ante todo como una forma de movilidad. Posteriormente, veremos cómo las nociones de identidad y clase, a través de las migraciones, adquieren relevancia y complejidad. Por último, utilizaremos algunas pistas que hemos observado en nuestro trabajo de campo en Toulouse (Francia) y Barcelona (España) con personas de origen colombiano pertenecientes a una minoría privilegiada en su sociedad de origen para mostrar, a manera de ejemplo, las relaciones existentes entre las nociones de identidad y clase cuando los contextos que explican, permiten y legitiman las desigualdades sociales cambian a través de la experiencia migratoria.</p>
Ano/Edição	Ano XIX, nº 56, set-dez/2006. São Paulo
Título	identidad, alteridad y prácticas culturales: colectivo uruguayo en Madrid
Autor/es	Karina Baggio Paredes
Resumo	La temática de las identidades/ alteridades nos presenta el desafío de encontrar caminos para su comprensión que den

Ano/Edição	<p>cuenta de su complejidad, sus múltiples dimensiones y la articulación dinámica de los actos que las constituyen. En este trabajo consideraré algunas narrativas surgidas en el trabajo de campo que vengo realizando con uruguayos que residen en la Comunidad de Madrid¹ a propósito de pensar sobre estas temáticas.</p> <p>Ano XIX, nº 56, set-dez/2006. São Paulo</p>
Título	Migraciones internacionales: alteridades y ciudadanía
Autor/es	Enrique Satamaria; Leonardo Cavalcanti
Resumo	<p>Hablar de convenciones y de figura social es plantear que aquello de lo que se está hablando no es algo dado ni evidente en sí mismo. Lejos de ello, ‘inmigración’, “Inmigrante”, ‘extracomunitario’, pero también ‘otros’, ‘alteridad’ o incluso “ciudadanía” son términos a los que habitualmente recurrimos para dar cuenta de ciertos seres y aconteceres sociales y en las que se emboscan toda una serie de procesos sociopolíticos y cognitivos que normalmente pasan desapercibidos, y que son los que les dan el múltiple y polivalente significado que hoy por hoy estos términos tienen. Desde nuestra perspectiva, no es, en absoluto irrelevante plantearse preguntas como ¿qué y quién es un “inmigrante”? ¿Cómo percibimos, pensamos e imaginamos la “inmigración” y a los migrantes? ¿Cómo hemos llegado a percibir, pensar e imaginar la “inmigración” y a los migrantes tal y como lo hacemos? En definitiva, ¿qué implicaciones políticas tiene todo ello? O, dicho de otro modo, ¿cómo se traduce en relación con la ciudadanía? Para reflexionar sobre éstas y otras cuestiones, lo haremos tomando como punto de partida algunos de los matices del fenómeno migratorio en España. En los últimos años, hemos asistido a la progresiva configuración sociopolítica de un fenómeno social, al que tras la incorporación de España a la hoy denominada Unión Europea se ha acabado denominando “inmigración no comunitaria”. Un fenómeno que, si bien en un principio era considerado socialmente insignificante, algo anecdótico e incluso exótico, a partir de mediados de los años ochenta, ha ido adquiriendo un progresivo protagonismo en la vida social y en el imaginario de la sociedad española, hasta el punto de que hoy damos por sentado que España, como suele afirmarse ampulosamente, es un “país de inmigración”.</p>
Ano/Edição	Ano XIX, nº 56, set-dez/2006. São Paulo

Título	Ciudadanía e identidade europea desde una perspectiva transnacional
Autor/es	Carlota Solé Puig; Sònia Parella Rubio
Resumo	Porello, este artículo pretende explorar distintas aproximaciones teóricas a la ciudadanía de residencia (iils donlicilii) y se centra en una revisión del concepto de ciudadanía que, amparándose en una perspectiva transnacional, sea capaz de vehicularse a partir de una identidad europea cotupartida, compatible con las múltiples identidades (Brewer, 1999), pertenencias y prácticas colectivas de los ciudadanos en distintos espacios sociales y territoriales a la vez.
Ano/Edição	Ano XIX, nº 56, set-dez/2006. São Paulo
Título	Entre la alteridade y el crisol: la inmigración en Argentina
Autor/es	Paola Carolina Monkevicius
Resumo	Tomemos como caso a la comunidad lituana? Nadie dudaría hoy que los lituanos pertenecen, aunque en un lugar secundario, al componente europeo que dio origen a la característica composición poblacional argentina. Como ejemplo, podemos decir que participan activamente de las fiestas y ferias de “colectividades” ³ donde se reúnen los diferentes grupos de origen trasatlántico, además integran la selectiva asociación de entidades extranjeras de Berisso ⁴ , siendo parte activa de la organización de la fiesta provincial del inmigrante en esa ciudad. Sus expresiones folclóricas son desarrolladas y expuestas en conmemoraciones y festivales a nivel municipal, provincial y nacional para representar el aporte cultural inmigratorio. Sin embargo, la “entrada” de los lituanos al molde del crisol no se produjo de manera unilineal. Las disputas y debates ideológicos sobre la definición de la identidad argentina y el lugar del inmigrante europeo afectaron también las representaciones sobre el lituano en tanto “otro” étnico. Los criterios para definir la mismidad alteridad oscilaban al ritmo de las construcciones hegemónicas de nacionalidad. Por lo tanto, en este artículo me propongo analizar cómo se fueron modificando esos criterios, desde una alteridad claramente “marcada” hasta la posibilidad de invisibilización actual que implica la inclusión en el crisol en tanto “colectividad europea”. Para tal fin consideraré básicamente dos momentos: la etapa en la cual se produjo la mayor entrada de inmigrantes lituanos (décadas de 1920 y 1930) analizando el rol de los intelectuales y los dirigentes en la construcción y definición del inmigrante

Ano/Edição	lituano, y la etapa presente, observando básicamente cómo las construcciones hegemónicas de alteridad, donde la utopía del crisol aún ocupa un lugar central, son reproducidas desde la prensa nacional y sus discursos mediáticos. Ano XIX, nº 56, set-dez/2006. São Paulo
Título	Identidade e alteridade religiosas na experiência migratória
Autor/es	Roberto Marinucci
Resumo	Na primeira parte deste artigo, vamos analisar as características e as conseqüências que a saída da própria terra comporta para o migrante, principalmente, no que se refere à sua prática religiosa. Para isso, lançaremos mão da análise de Peter Berger. Na segunda parte, aprofundaremos a dialética entre identidade e alteridade religiosa, em busca de uma visão da religião que estimule e sustente o migrante no seu encontro dialético com a alteridade.
Ano/Edição	Ano XX, nº 57, jan-abril/2007. São Paulo-SP
Título	“Eu sou daqui, meus pais não!”
Autor/es	Sílvio Marcus de Souza Correa; Karin Elinor Sauer; Carina Santos de Almeida
Resumo	Nas últimas décadas, houve um aumento dos estudos sobre juventude no Brasil, especialmente no campo da sociologia. Até a década de 70, de um modo geral, havia poucos trabalhos sobre a questão juvenil no Brasil. Mas refletir sobre a condição juvenil implica uma compreensão polissêmica da juventude. No Brasil, há jovens que residem em espaços distintos: cidades pequenas, médias e grandes, meio rural e urbano. Assim, a juventude brasileira apresenta inúmeras formas de diferenciação como gênero, pertencimento étnico, origem social e geográfica. Tal diversidade não é apanágio de jovens metropolitanos. Nas cidades de pequeno e médio porte tem-se uma juventude plural em espaços singulares, onde a condição juvenil não é homogênea (Catani, 1998; Vasconcelos, 2002; Correa, 2007; Novaes, 2006). Se, por um lado, a juventude apresenta condições desiguais em termos socioeconômicos, culturais e espaciais, a desigualdade advinda pela trajetória de jovens marcada ou não ela migração também se manifesta na sociedade ampla. Os jovens relacionados à migração, direta ou indiretamente (via parental), apresentam trajetórias ou mesmo narrativas familiares similares em alguns aspectos. Entre os jovens migrantes e aqueles de “segunda geração”, as diferenças

Ano/Edição	podem se expressar, por exemplo, pelo tempo de residência na sociedade acolhedora. Ano XX, nº 59, set-dez/2007. São Paulo
Título	A segregação na dialética da alteridade
Autor/es	Sidnei Marco Dornelas
Resumo	Editorial
Ano/Edição	Ano XXI, nº 62, set-dez/2008. São Paulo
Título	Formação de um duplo narciso ou angustia em terra estrangeira
Autor/es	Marcela Jussara Miwa
Resumo	O narcisismo pode ser compreendido como uma defesa do ego ao deparar-se com o diferente, o estranho ou frustrações. Tal defesa recorre a mecanismos, por vezes inconscientes, de negação da realidade — ou do outro — buscando refúgio em idealizações, fantasias, dissociando-se da realidade (ver p. ex. Rosenfeld, 1989 e Symington, 2003). O presente texto procura ilustrar como, no período da imigração japonesa, podem-se localizar dois grupos distintos com defesas narcísicas. De um lado, os brasileiros da campanha antinipônica, o que denomino “narcisismo verde-amarelo”, que negavam, e mesmo, rejeitavam os estranhos japoneses. E por outro lado, até como reação ao antiniponismo e aos problemas de adaptação, os imigrantes, que não aceitavam a realidade brasileira e refugiavam-se em colônias, cultivando valores da pátria que deixaram, idealizando um Japão poderoso. Nas linhas seguintes pretendo retomar algumas passagens tanto do movimento antinipônico, como também dos primeiros anos das vidas dos japoneses, em nosso país, no intuito de demonstrar a possibilidade de reler esses eventos históricos como mecanismos de defesa egóica.
Ano/Edição	Ano XXI, nº 62, set-dez/2008. São Paulo
Título	Ver-se nos olhos do outro: gênero, raça e identidade brasileira no estrangeiro
Autor/es	Cláudia Barcellos Rezende
Resumo	Neste artigo, examino como a articulação entre identidade nacional, gênero e raça aparece no discurso de um grupo de brasileiros que fez seu doutorado no exterior. A partir da condição de ser estrangeiro em outro país, analiso como a identidade brasileira é percebida de forma marcada pelo gênero e pela raça, marcas estas vivenciadas de modo

Ano/Edição	ambíguo. Em particular, procuro compreender o que significa afirmar, como a maioria fez, que eles não têm “aparência” de brasileiro. Em termos teóricos, está em questão a dimensão contrastiva na elaboração das identidades nacionais e o modo como o gênero e a raça são constitutivos de um tipo nacional. Ano XXIII, nº 66, jan-jun/2010. São Paulo
Título	Saboreando o Brasil em Londres: comida, imigração e identidade
Autor/es Resumo	Graça Brightwel Estudiosos da emigração brasileira em diferentes contextos geográficos já apontaram para o papel singular que a comida possui na construção e manutenção da(s) identidades brasileiras em situações de deslocamento. Este texto apresenta algumas considerações retiradas de leituras, observações de campo e reflexões sobre as minhas próprias experiências gastronômicas como imigrante e pesquisadora brasileira em Londres. Os atos de comprar, preparar e comer alimentos familiares, quando se vive em outro país, podem mexer com emoções e memórias profundas estabelecendo uma conexão com outros tempos e lugares. Estas memórias podem trazer saudade de lugares, pessoas e experiências anteriores, incitando o desejo de voltar ao país de origem. Ou talvez estas lembranças sejam dolorosas, melhor que sejam esquecidas. Estas memórias formam, portanto, uma ponte entre o velho e o novo. A familiaridade proporcionada pela busca de ingredientes, o modo de preparar os alimentos e a maneira como são consumidos auxilia no processo de adaptação proporcionando que a pessoa se sinta em casa em um país estrangeiro.
Ano/Edição	Ano XXIII, nº 66, jan-jun/2010. São Paulo
Título	Ciganos, Roma e Gypsies: categorias de atribuição e classificação identitárias
Autor/es Resumo	Mirian Alves de Souza O objetivo deste artigo é apresentar algumas considerações sobre a categoria étnica cigano, realçando que aqueles identificados por ela possuem consideráveis diferenças sociológicas e culturais entre si. A partir de uma pesquisa etnográfica que compreende famílias que se autoclassificam como calon, horarano, kalderash (entre outras formas de autodesignação) e, sobretudo, lideranças políticas, exponho a

Ano/Edição	relação entre classificações estatais, prática transnacionais e sujeitos cujo processo de construção identitária tem a ver com a identidade cigana geral, fortemente marcada por estereótipos. Ano XXIII, nº 67, jul-dez/2010. São Paulo
Título	Na pia batismal: tradição e identidade étnica nas práticas de transmissão de nomes de batismo em um grupo de imigrantes italianos
Autor/es	Fábio Augusto Scarpim
Resumo	O presente artigo tem como eixo central a análise das práticas de nomeação em um grupo de imigrantes e descendentes de italianos no município de Campo largo, Paraná, no final do século XIX e início do XX. O objetivo deste artigo é entender como se processaram as práticas de transmissão de nomes de batismo no interior do grupo, analisando a frequência dos prenomes dados a meninos e meninas no decorrer de cinquenta anos. A análise da frequência dos prenomes masculinos e femininos no interior do grupo foi realizada a partir dos registros paroquiais (atas de batismo, casamentos e óbitos) sistematizados pela metodologia de reconstituição de famílias, oriunda da demografia histórica.
Ano/Edição	Ano XXIV, nº 69, jul-dez/2011. São Paulo
Título	O parangolé e a expressão da identidade migrante
Autor/es	Vera Horn
Resumo	O artigo analisa o romance Porto il velo adoro i Queen (2008), de sumaya abdel Qader, italiana de origem jordaniana e palestina, no qual procura desconstruir os estereótipos relacionados a essa condição dupla e aos “fardos” identitários que lhe são impostos. a consciência de estar ao mesmo tempo dentro e fora leva a protagonista da obra a questionar os conceitos de identidade cultural, casa e pertencimento e a refletir sobre o desafio de viver uma identidade complexa em um processo de contínuas mudanças e construções. Busca-se estabelecer relações com o parangolé, criação artística de helio Oiticica, em 1964, que só se revela inteiramente na interação com o usuário. O conceito de identidade em caminho expresso por agualusa, as identidades fragmentárias de stuart hall ou a “celebração móvel” da identidade levada a cabo pela protagonista da obra literária, associam-se à dimensão móvel do parangolé, que se transforma continuamente e não demarca um território.
Ano/Edição	Ano XXV, nº70, jan-jun/2012. São Paulo

Título	Mangia che te fa bene! Comida e identidade entre os descendentes de imigrantes italianos no Rio Grande do Sul
Autor/es	Maria Catarina Zanini; Miriam de Oliveira Santos
Resumo	Neste artigo, analisamos o papel da comida para os descendentes de italianos que migraram para o Rio Grande do Sul em finais do século XIX e início do século XX. No sul do Brasil, os imigrantes europeus se instalaram em pequenas colônias que, embora dentro dos parâmetros da política de colonização brasileira, buscavam reproduzir o modelo camponês europeu. Esses imigrantes eram, em sua maioria, camponeses pobres, católicos e provenientes do norte da Itália. Uma migração familiar marcada pela expectativa da cucagna, da terra em que os salames nasceriam em árvores e a conquista da riqueza seria uma questão de tempo e algum trabalho. Ou seja, além de ascenderem socialmente e tornarem-se proprietários, aquelas populações queriam comida e a queriam em abundância. Acreditamos que a ênfase na fartura representa a prosperidade e o desejo de perpetuá-la, mas também sinaliza para a diferenciação cultural e a simbologia da migração que deu certo.
Ano/Edição	Ano XXVI, nº 72, jan-jun/2013. São Paulo
Título	Dicotomias, identificaciones y migraciones en las Américas (Ensaio)
Autor/es	Leonir Mario Chiarello
Resumo	Este artículo analiza el rol de las migraciones en identificaciones dicotómicas entre América del Norte y América Latina. Considerando las migraciones internacionales como factores y, al mismo tiempo, consecuencia de las narrativas histórico-culturales dicotómicas entre América del Norte y América Latina, el artículo concentra su análisis en tres momentos históricos específicos durante los cuales las migraciones internacionales y las identificaciones dicotómicas interactuaron en forma más evidente: a) fines del siglo XIX, cuando ingresaron significativos contingentes de migrantes europeos al continente americano, b) siglo XX, cuando Estados Unidos se convirtió en el nuevo “Norte” de la migración continental, y c) el periodo actual, en el que los inmigrantes latinoamericanos residentes en Estados Unidos son percibidos como una amenaza para la seguridad nacional y cultural.
Ano/Edição	Ano XXVI, nº 72, jan-jun/2013. São Paulo

Título	É como pertencer a um lugar que nunca foi seu. Deportados negociando imobilidade involuntária e condições de retorno a Cabo Verde
Autor/es Resumo	Heike Drotbohm Baseado em pesquisa antropológica em Cabo Verde, um pequeno país insular no oeste africano, este capítulo trata da deportação de migrantes não cidadãos e seu retorno involuntário para seus países de origem. Esta ação estatal atualmente constitui um elemento importante na conexão de sociedades e práticas estatais principalmente na Europa ou na América do Norte, com a subsistência no chamado Sul Global. Enquanto alguns desses migrantes deportados permaneceram nos países de destino por alguns meses ou anos, antes de serem retornados pela força do Estado, muitos passaram os anos de formação no exterior. Portanto, no dia de sua chegada, seus países de origem pareceram lugares estrangeiros, com línguas, códigos de conduta social e hábitos de consumos não familiares. Este artigo aborda o modo específico de retorno dessas pessoas, seus esforços de reintegração, suas habilidades em utilizar as experiências de migração anteriores para construir novas relações sociais, e sua renegociação de pertencimento em campos sociais transnacionais.
Ano/Edição	Ano XXVIII, nº 75, jul-dez/2014. São Paulo

IMPrensa/MÍDIA

Título	A Penna contra a emigração
Autor/es Resumo	Ely Souza Estrela Estima-se que mais de 17% das pessoas nascidas na Bahia vivem fora do estado. Desse montante não se sabe quantos vivem ao certo no estado de São Paulo. Sabe-se entretanto, que vivem na região metropolitana, marcando com sua presença não somente o ABC paulista, mas principalmente os bairros mais periféricos da cidade de São Paulo. A participação das regiões da Bahia no contingente populacional que se deslocou para São Paulo não é uniforme. Não se dispõe de dados atualizados sobre o número de indivíduos que partiram de cada uma das regiões do estado da Bahia em direção a São Paulo; amostragem elaborada por Antonio Jordão Neto e Santa Helena Bosco, bem como a tabela publicada por Jorge